



Cinema

Ano 1º
Nº 14

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa : — Clau-
dette Colbert, prin-
cipal intérprete do
filme «O Tenente
Sedutor»

Redactores :
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem., 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Revolvendo em sua cabeça tam penosos pensamentos, Matahi chegou à praia e arrastou o barco para a areia, como fazia todos os dias. Foi então que a sua vista calu na última ostra perlífera. Positivamente, tinha-a esquecido! Mas aquela seria como as outras: vazia, sempre vazia!

Era preciso atrá-la ao longe ou dá-la às crianças, para brincarem.

Mas Matahi era de pura raça: na felicidade ou na desgraça, ia até o fim, não sabia contentar-se com meias-medidas! Furiosamente, pegou na faca e abriu a ostra, que se contraía sob a mordedura da lâmina.

E então, Matahi recuou espantado, cambaleando sob um afluxo de alegria excessiva e terrível! Uma pérola, não muito redonda, mas dum formato e dum oriente fóra do vulgar, brilhava na palma da sua mão trigueira.

Dava para pagar um resgate real. Com que indemnizar a companhia, salvar talvez Reri, voltar ao paraíso perdido!

Tomado duma embriaguez de alegria, que já não conhecia obstáculos, Matahi precipitou-se para a sua cabana. Levava a joia apertada na mão, fazia-a penetrar na carne e não sentia dores, tantas perspectivas novas dum amor reconquistado o iluminavam de felicidade.

Chegou à sua habitação e, de longe, gritou: Reri! Reri!

Silêncio...

Admirado, Matahi atirou fóra a pagaia e correu para o interior. Compreendeu logo tudo! Os deuses tinham sido mais fortes... A sua vitória fóra apenas efémera; não se pôde destruir o tabú! Reri tinha partido!

No tapete em que dormiam, Matahi descobriu logo a mensagem que Reri deixara.

E leu dum fôlego:

«Parto, Matahi, para te salvar! Hitú leva-me no seu navio. Agora, pertença aos deuses que me reclamam. Desta forma, e-poso amado, julgo salvar-te, afastar da tua querida cabeça os males que te ameaçam. Mas fica sabendo que Reri, no seu retiro, nunca te esquecerá, nunca deixará de te amar.»

Esmagado pelo desgosto e pelo terror, convencido de que já era tarde, de que não poderia agarrar Reri, arrebatá-la ao feiticeiro, Matahi precipitou-se para fóra da cabana e inspecionou de todos os lados o mar, onde agora as espumas se estendiam em grandes lençóis, caracolando como esquadões em carga.

Na ponta dum cabo oposto àquele

*Narração Cine-
matográfica de F.
W. Murnau e R. J.
Flaherty*

“Tabu”

que transpusera no regresso, o mancebo descobriu uma vela, uma única vela! Pela sua forma, reconheceu uma chalupa de civilizados, de brancos. Era, com certeza, a embarcação que levava a sua amante para os cruéis senhores. E Matahi lembrou-se logo de que, se cortasse através dos atolls, talvez pudesse...

Sem reflectir mais, pôs-se a correr. Todo o norte da ilha era feito de «lagoons» sem profundidade, onde se fazia evaporar a agua do mar para recolher o sal. Matahi transpôs nalguns pulos todas aquelas bacias sucessivas. Chegou ao rebordo da falésia. A cinquenta metros, curvando-se nas altas vagas como um corcel que se empina, a chalupa fugia, fazendo largas bordas para se esquivar às rajadas brutais da ventania. Matahi reconhecia ao mesmo tempo, junto do leme, o velho Hitú e os seus cabelos brancos.

Matahi atirou-se então às ondas. Admirável nadador, sabia que poderia perseguir na carreira um barco que tinha de lutar contra as correntes contrárias. Se atingisse a chalupa, Reri estava salva; nesse momento seria capaz dum crime!

Mergulhou, na ressaca, muito longe para que as vagas o não atirassem contra as rochas; a frescura da agua, depois duma galopada terrível, fez-lhe bem; sentia-se forte, e nadava obliquamente para cortar o caminho ao feiticeiro.

Mas Hitú descobriu logo no remoínho aquele homem que ia direito a êle; reconheceu o raptor. Estendeu uma almofada da escotilha sobre Reri, que, aniquilada, se escondia no fundo do barco. Dessa forma, não saberia que o seu amante, nesse momento, lutava por ela, e não interviria...

Depois Hitú, dando uma volta ao leme, virou a direcção do navio e foi direito ao largo.

Matahi, a-apesar disso, não desesperava. Reunindo toda a sua energia, batalhava com uma coragem admirável. Os seus braços pareciam-lhe de chumbo, esgotados pelo remo; o coração, submetido pela segunda vez naquele dia a um terrível esforço, começava a falhar-lhe. Mas estava tam convencido de que, se não alcançasse Reri e a tirasse das garras do miserável, teria de dizer adeus para sempre à sua felicidade, que preferia, naquela suprema tentativa, prodigalizar a última faísca da sua energia e da sua resistência!

Apresentada pela
“Paramount”

13—(Conclusão)

Chegou a aproximar-se das traças do barco... Pendia um cabo; nalgumas braçadas furiosas, atingiu-o, agarrou-se a êle, deixou-se arrastar. Começava a recuperar a respiração; ia içar-se, à força de pulso, para bordo. Reri estava salva...

Mas Hitú, sem olhar para êle, puxou da faca e cortou a corda rente.

Matahi, forçado a nadar mais, a nadar sempre, e encontrando-se a dois mil metros da costa, sentiu que lhe faltavam de todo as forças.

Nem podia subir para bordo, nem alcançar a embarcação, a qual, agora com vento favorável, se afastava a toda a velocidade.

O naufrago tentou gritar, chamar Reri! Não lhe saiu da garganta um único som. Estava esgotado! Estava perdido!

Pôs-se então de costas, procurou regularizar os movimentos do seu coração, que parecia estalar. Sentiu nos lábios um gosto mortal. Para que lutar, se tudo lhe fugia ao mesmo tempo?

Ergueu a cabeça e viu as palmeiras ao longe, muito ao longe. Nunca mais poderia alcançá-las. Ia sossobrar ali, êle, o melhor nadador das ilhas!

Mas não sentia desgosto por isso. Como Reri estava perdida, porque a vontade dos deuses a arrebatara, tendo o tabú vencido a sua, êle, Matahi, já nada tinha a esperar na terra!

Bora-Bora! Nunca mais lá voltaria. Os brancos? Haviam-no enganado. O seu único amor? Afastava-se dele para sempre com o minúsculo triângulo daquela vela, ao longe...

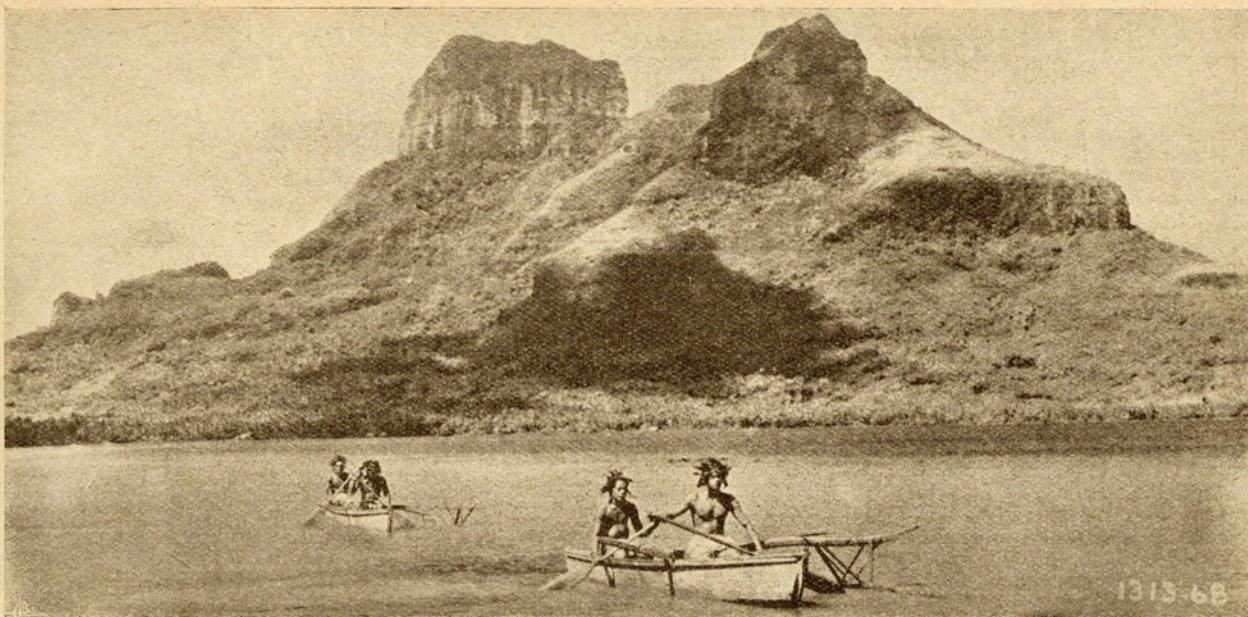
Lutar? Defender-se do mar palmo a palmo? Esperar horas que as vagas misericordiosas o arremessassem à prata? Que uma taboa de salvação lhe permitisse restabelecer-se, descansar?

E para quê? Matahi já não ligava sentido à existência. Para qualquer lado que se voltasse, esperavam-no apenas coleras ou desgostos!

Deixar-se então escorregar devagarinho para o fundo infinitamente tranquilizador, na onda que o balouçava e o engulia?

Os grandes doentes não receiam a morte. Ela apresenta-se-lhes como uma solução lógica e aceitável. Matahi, no desabar do seu coração e da sua força, era desses doentes...

No entanto, para experimentar, nadou ainda algumas braças na direcção da costa. Se não tivesse que batalhar, se as



Uma cena de "Tabu", realizada pelo falecido "metteur en scene" alemão F. W. Murnau, de colaboração com Robert Flaherty

O Cantinho dum Cinéfilo

A «Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses» é um facto. Meia duzia de vontades decididas puseram mãos à obra, que val vingando firmemente, que marcha triunfantemente para a vitória. E uma das mais sólidas bases desse próximo triunfo é o entusiasmo dos cinéfilos portugueses, cada dia mais crescente, pela organização da empresa que ha-de produzir filmes na nossa língua. Para tal entusiasmo muito tem contribuído a inteligente medida dos organizadores, lançando no mercado as acções a um preço muito acessível e facilitando grandemente o seu pagamento.

Uma acção de S. F. S. P. — 50\$00! E tal importância divisível em cinco prestações mensais de 10\$00!

Quem não ha-de subscrever com uma acção? Quem não ha-de contribuir para que, em Portugal, se façam filmes em língua portuguesa, se tal contribuição pode limitar-se ao gasto de 10\$00 por mês, durante 5 meses?

Todos os cinéfilos portugueses teem o dever de colaborar na organização da S. F. S. P. O entusiasmo é grande, mas ainda não é geral. E é preciso que o seja. E' preciso que todos, absolutamente todos os cinéfilos de Portugal, os que compram a «Invicta», a «Imagem», o «Cinéfilo» ou o «Cinema», todos os que fazem perguntas ao «Amok», ao «Multiplus» ou ao «Eu Sei Tudo», todos os que vão assiduamente ao «Trindade» ou ao «Agua», ao «São Luiz» ou ao «Tivoli», ao «Olimpia» ou ao «Batalha», ponham de parte 10\$00 por mês — e só durante 5 meses — para comprarem, cada um, uma acção da S. F. S. P.!

Dez escudos por mês! Pouco mais do que trinta centavos por dia!

■ ■ ■

A propósito. Recebemos ha pouco, nesta redacção, a seguinte carta:

Porto, 16 de Abril de 1932

Ex.^{mos} Snrs.

O pessoal das cabines de projecção dos cinemas «Agua d'Ouro» e «Salão-Jardim da Trindade», desta cidade, solidarizam-se absolutamente com a campanha pro-cinema sonoro português que a «Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses» agora inicia, desejando que esta organização cõlha os mais excepcionais resultados.

Nós, como anónimos cooperadores, resolvemos contribuir com uma modesta cota parte para esta iniciativa sob todos os

pontos de vista justissima, e lamentamos unicamente que as nossas possibilidades não nos permitam mais largos vôos.

Pedimos aos nossos camaradas de todas as cabines de cinema para que não deixem fugir esta oportunidade de demonstrar que os humildes sabem muitas vezes compreender melhor o que representa de titânicos esforços uma organização que tende a levantar da inercia a produção de filmes em Portugal.

Sem mais, pedindo a V. Ex.^{as} a subida fineza de nos enviarem os impressos de inscrição, creiam-nos leitores dedicados e assíduos.

Pelo pessoal da cabine do cinema «Agua d'Ouro»,

(a) *Manoel Vilas Matos.*

Pelo pessoal da cabine do cinema «Salão-Jardim da Trindade»,

(a) *Abel Lopes dos Santos.*

■ ■ ■

Aqui está uma carta que, só por si, mostra bem o interesse que a organização da S. F. S. P. está despertando.

A attitude extraordinariamente simpática dos operadores do «Agua» e do «Trindade» precisa de servir de exemplo ao pessoal de todos os cinemas portugueses.

Estes importantes elementos da vida cinematográfica — importantes mas quasi sempre anónimos, desconhecidos do público — são, na sua maior parte, dos mais afeiçoados cinéfilos.

Eles, que são os primeiros a apreciar os grandes filmes, que todos os dias lidam bem de perto — muito mais de perto do que qualquer de nós — com as «estrêlas» que são os sonhos dos nossos cinéfilos, desejariam, tambem, que lhes passassem pelas mãos e pelas objectivas das suas «Ernemann» ou das suas «Nitzche», com assiduidade, os artistas portugueses, os filmes portugueses.

Aquela carta vai, de-certo, servir de estímulo ao pessoal de todos os nossos cinemas, ansioso tambem por uma regular produção nacional. E essa produção no-la promete a S. F. S. P., em cujos elementos organizadores todos temos o dever de confiar. E tal confiança, demonstramo-la subscrevendo acções daquela empresa.

Cinéfilos portugueses! Segui o exemplo do pessoal das cabines dos cinemas «Agua d'Ouro» e «Trindade»! Contribui para a produção de fonofilmes portugueses!

Cumprí o vosso dever! Eu já cumprí o meu!

Phillips Holmes, o lindo rapaz

“Nem sempre notamos, ao pegar na pena — escreve Genova em «Cine-Mirror» —, como é difícil separar a verdadeira personalidade dum actor do triplice veu que a oculta. Em primeiro lugar, temos a tendência de olhar o artista através dos papéis em que gostamos dele: depois, vem a lenda que um engenhoso agente de publicidade lhe criou, e, por fim, a máscara que êle tantas vezes afivela, por modéstia, por orgulho ou por necessidade.

Desta forma, quando se trava conhecimento com Phillips Holmes por meio do papel jocoso que êle desempenha no *An American Tragedy*, tem-se a impressão de que é um rapaz luminosamente loiro, com feições duma pureza antiga, mas quasi bonito demais para poder possuir temperamento. Esta crítica aparentemente severa, sucede mais sobre o próprio filme do que sobre o seu intérprete. Holmes defende o melhor que pode o personagem desse jovem extraviado a quem as responsabilidades assustam e uma cobardia quasi orgânica arrasta ao mais horróroso dos crimes, ao crime imperdoavel.

E é com grande alegria, por isso, que o vemos entrar no *Thalia*, a balúca de *Sou homme*, de boina de marinheiro enterrada nos anéis rebeldes, cobrindo-lhe o peito uma camisola às riscas e o rosto iluminado pelo irresistível sorriso dos seus trinta e dois dentes brancos. Ao vê-lo sente-se que uma bafurada de ar do largo lhe enche a camisola e experimenta-se uma ilimitada confiança nesse belo rapaz, cuja tranquilla audácia vai ganhar todas as partidas.

Mas este novo Holmes, pronto para a batalha, de impulsões violentas, de sentimentos fortes e frustes, como a gente espera encontrar num ser primitivo, restitui-nos verdadeiramente a personalidade do artista? Sem dúvida que não. O ser humano, mesmo aquele que nos parece mais simples, oculta muitas vezes, por trás dessa máscara de inocência, desvíos e complicações de que não é possível suspeitar. Poderiam crer que Holmes é um intelectual insatisfeito em busca duma inatingível perfeição? Porque teve uma infancia feliz e uma juventude fácil, é que êle não sabe contentar-se com papéis secundários e experimenta um horror e um terror invencíveis pela mediocridade.

Durante os cinco anos passados no Trinity College, na Inglaterra, nunca deixou de dar sério cavaco por ter de se contentar muitas vezes com ser o segundo da sua classe. Aquele segundo lugar, com que qualquer outro se sentiria orgulhado, humilhava-o e deprimia-o. A sua sensibilidade, muito vibrante, via nessa classificação um símbolo, talvez mesmo um preságio do que seria a sua vida. O segundo! Não, mil vezes não! Ele queria ser o primeiro!

No momento de escolher uma carreira hesitou diante do teatro, de que seu pai,

o célebre Taylor Holmes, lhe mostrara os escolhos, conhecendo melhor do que ninguém o reverso tantas vezes trágico do cenário, e resolveu bruscamente tentar o cinema. Foi para a Califórnia, obteve logo um contrato com a «Paramount» e tornou-se, no espaço de alguns meses, o moço mais discutido de Hollywood.

Desde que apareceu, a sua juventude, a sua graça, a sua beleza fizeram sensação. De todos os lados para onde se vol-



PHILLIPS HOLMES,
que na próxima época veremos
em vários filmes

tava, Phillips Holmes ouvia sempre a mesma coisa: «Que lindo rapaz!»

Lisongead, a princípio com aquele tributo espontâneo prestado ao seu físico, a frase não tardou a exasperá-lo.

— Lindo rapaz, lindo rapaz... Eu lhes mostrarei se sou ou não um «lindo rapaz»! — resmungava êle, dando grandes murros num rival imaginário.

E, não sabendo que fazer para se desembaraçar daquela etiqueta odiosa, Phillips resolveu demonstrar à colónia, estupefacta, que podia ser mais alguma

coisa do que um «lindo rapaz». Todas as excentricidades o tentaram, desde as mais anónimas às menos recomendáveis. Começaram a criticá-lo sem benevolência. Teve dentro de pouco tempo a vaga impressão de que se arriscava a estragar a sua sorte, mas o irritante epíteto continuava a ressoar sempre desagradavelmente a seus ouvidos.

Se eu me desfigurasse? — pensou êle —. Um acidente de automóvel sobreveio de pressa. Com um nariz como Volheim, não seria tratado por «lindo rapaz»!

E foi essa a época em que viram Holmes ao volante dum longo bólido, dando voltas em duas rodas, batendo todos os records, entregando-se às mais loucas acrobacias, destruindo as árvores e os candieiros que tinham a desgraça de se encontrar no seu caminho.

O ditado que afirma que a fortuna sorri aos audaciosos nunca teve tam exacta aplicação como no caso deste jovem temerário. Saiu indemne dos accidentes que teriam custado a vida a qualquer outro.

Mas queriam enquadrá-lo em papéis de rapazinho; tentavam encerrá-lo numa doce mediocridade de que nunca mais se sai, essa mediocridade que tanto o aterroria nos seus anos de colégio... Havia de ver-se isso! Ele se encarregaria de abrir os olhos a esses directores cegos, mostrando-lhes aquilo de que era capaz!

Mas o que o jovem Holmes não previa era que esses mesmos directores, que tinham excelentes olhos, o apreciavam com sorrisos, considerando-o como um doído com que se não podia contar. E assim quando o seu nome foi pronunciado para o papel principal do *Genius*, e vendo nisso a probabilidade de demonstrar o seu talento, pediu que lhe dessem o papel e ficou muito admirado de esbarrar com uma recusa.

— Não podemos ter confiança em si, Holmes: você não é sério.

O mancebo prometeu modificar o seu modo de vida, pediu, suplicou tanto e tam bem, que por fim lhe fizeram a promessa. Mas, no dia em que a produção devia começar, levavam Phillips Holmes para o hospital com quarenta graus de febre: o terror de não estar à altura da sua tarefa tinha-o feito succumbir.

No «studio», todos encolheram os ombros.

— Era inevitavel. Tinha de acontecer qualquer coisa. Não se pode contar com este rapaz...

Os seis meses que se seguiram a este desastre foram os mais difíceis da carreira de Phillips Holmes. Compreendia, já tarde, que lhe seria muito mais custoso desfazer-se desta segunda etiqueta que da primeira.

Por mais que uma vez, chelo de desespero, esteve a ponto de abandonar a

Os "astros" e os desportos

Encontram-se entre os «astros» do cinema verdadeiros campeões desportivos, os quais se poderiam tornar em todo o mundo tam célebres como o são já na arte cinematográfica, se se consagrassem exclusivamente ao desporto que preferem.

Os cinéfilos não devem deixar de apreciar o filme «Campeão», a produção mais recente de Wallace Beery, porque nela se admira o mais emocionante combate de box que se tem visto nos *écrans*. Wally aparece nessa fita na plenitude da sua força e no seu magnifico estilo de *boxeur*.

E' natural que a alguém cause estranheza o facto de Wally ter adquirido tanta destreza no manejo das luvas de combate. Mas a explicação é bem simples.

No dia em que se estreou essa fita, um colegial que assistia exclamou para os seus companheiros:

— Ninguém poderá vencer-me de que estas cenas de torneio sejam feitas a sério. Beery é, com efeito, alto e forte, mas apostava quanto quisessem em como desportivamente não vale mais do que todos os outros meninos do *écran*. «Não acredito que haja em cinema um único homem que valha qualquer coisa de luvas postas. São todos mais delicados do que uma dama.

E' natural que esta mesma reflexão tenha sido feita por muitos e até pelo próprio leitor. Não poucas pessoas julgam, de facto, que a gente de Hollywood é feita de algodão em rama. Tanto se tem dito dos *doubles* que utilizam, sempre que teem de fazer qualquer cena perigosa, que o público se chegou a convencer de que os heróis do cinema são incapazes de arriscar a pele em qualquer momento.

E' para fazer desaparecer essa idéa da cabeça de toda a gente que vamos contar o que sucedeu quando se filmaram as cenas do combate de *box* que figura no «Campeão».

«M-G-M» contratou um *boxeur* profissional para opor a Wally, que nunca em sua vida tinha posto as luvas de combate e sabia muito bem que a sua falta de experiência se havia de tornar por todos notada.

— Mas como não quero que tal aconteça, — disse elle —, vou pedir aos directores uma semana de férias para contratar um treinador e aprender a manejar as luvas. Por nada no mundo quero expor a minha fama de bom actor.

E, passada uma semana, Wally voltou com um sorriso de satisfação nos lábios, e o seu treinador com uma negra numa vista e uma sobranceira caída.

— O sr. Wally já sabe o suficiente e até mais alguma coisa para enfrentar dignamente o seu adversário, — disse aquella voz lamentosa —. Levou quatro dias a aprender o que eu aprendi em quatro anos, e agora, no quinto, mimoseou-me com este presente que vocês veem.

As cenas foram, portanto, verdadeiras. Os ajudantes tiveram que obrigar Wally a sentar-se sempre que soava o gongue e tiveram tambem de ajudar o seu adversário a recuperar os sentidos no fim do encontro.

Wally, ao terminar a cena, exclamou cheio de satisfação:



Lloyd Hughes tambem pratica todos os desportos

— Ora adeus! Isto é muito mais divertido do que ir à caça ou passear pelos ares. De hoje em diante sou o rival de Jack Dempsey!

Com efeito, a espingarda e o monopiano foram substituidos pelas luvas de box.

E não é Wallace Beery o único actor que consagra as suas horas livres ao tiro e à aviação, muitos ha que são destros no manejo das armas, do volante aerlo e do terraqueo, praticando ao mesmo tempo uma infinidade de desportos e de exercicios atléticos.

Basta olhar Vitor McLaglen para observarmos logo a sua força. Durante

muitos anos foi campeão de pesos do Canadá e teve um combate, que empatou, com o fenomenal Jack Johnson, que não deixa de ser ainda admiravel.

E não são apenas os homens robustos e altos do cinema que sabem calçar as luvas, quando chega a hora de combater. Basta apontar Ben Lyon, que lembra às senhoras de idade a canção romântica do «Menino dou». Mas que elas falem com o treinador de Ben, Nate Scott, que foi um excelente campeão de *box* nos seus bons tempos. Nate afirma que Ben, se quisesse treinar-se a valer, seria um magnifico *welter*, mas Ben, a pesar de gostar do *box*, antes quer consagrar-se à luta e à natação do que dar murros.

Reginald Denny tambem foi campeão de *box*, antes de ser actor de cinema, e é, alem disso, um dos mais notáveis jogadores de *golf* da Califórnia.

Luiz Alonso é o campeão «oficial» de *tennis* de Hollywood e o simpático Billy Bakewell é o seu rival mais temivel. E, se é formidavel com a raqueta, não o é menos com os patins de gelo e os *skies*.

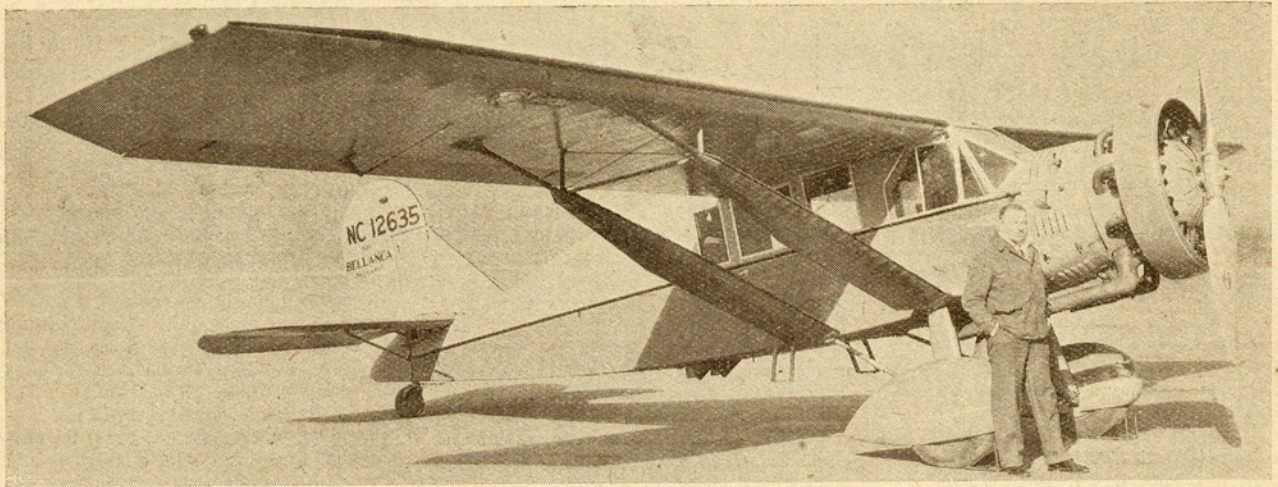
Clark Gable, o novo galã da «M-G-M», que tem a grande sorte de trabalhar com Greta Garbo, Norma Shearer, Joan Crawford e Marlon Davies, é um verdadeiro demónio quando monta motocicleta. Clark não receia o próprio diabo, e, sempre que monta a ditosa moto, costuma ser quasi sempre multado por excesso de velocidade. O seu desporto predilecto, contudo, é a equitação e a caça.

Os dois «astros» mais competentes em *rugby* são Johnny Mack Brown e Stanley Smith, ao passo que Johnny Weismuller não encontra competidor quando se atira à agua.

Muitas pessoas se admirarão de ver o nome de Weismuller neste artigo, pois todos sabem que é campeão mundial de natação ha muitos anos, mas o que nem todos sabem é que tambem é actor de cinema.

Actualmente, encontra-se em Hollywood a filmar a sua primeira fita. Esta corre por conta da «M-G-M» e tem por titulo: «Tarzan, o homem macaco». Se Weismuller gostar do público cinematográfico, é provavel que fique em Hollywood, para se consagrar exclusivamente ao *écran*, embora nunca abandone a natação.

Não será preciso dizer que George Bancroft gosta igualmente da natação, mas no que é verdadeiramente extraordinário é no jogo do *golf*. Não pôde rivalizar com Reginald Denny, mas com alguns profissionais que julgam saber muito.



Wallace Beery é um desportista completo e, especialmente, um grande aviador. Nesta fotografia vê-se o conhecido actor ao lado do seu novo aeroplano, que tem lotação para seis passageiros incluindo o piloto e pode atingir a velocidade de 270 quilómetros à hora. Acciona o aparelho um motor "Wash" Pratt e Whinter de 420 HP.

Richard Arlen foi campeão de remo da sua Universidade, e ainda pode realizar maravilhas, mas prefere consagrar-se ao *box*.

Dick é um dos *boxeurs* mais atentos que ha. Nos «studios» «Paramount», muitas vezes combateu com Gary Cooper, o qual, embora mais leve e mais alto, raras vezes o venceu.

Charles «Buddy» Rogers é um atleta perfeito. Não ha desporto que não domine.

Lloyd Hughes também pratica todos os desportos.

Robert Montgomery é também um bom *boxeur* amador e um tenista de habilidade.

Ramon Novaro não só se consagra ao *box* e à luta como pratica a aviação, não costumando baixar enquanto lhe dura a gasolina. Também é um magnífico nadador, tendo rivalizado muitas vezes com Neil Hamilton, que é espantoso logo que veste o fato de banho e se atira à água.

Neil é o mais formidável andarilho da colónia cinematográfica. Acredita honradamente que o andar é «a coisa mais sã do mundo» para conservar a saúde e o vigor.

Todos os dias trabalha com um treinador e depois anda doze milhas pelas montanhas. É possível que o seu método para conservar a saúde não seja absolutamente exacto, mas o certo é que Neil nunca está enfermo e raras vezes tem que recorrer à dieta.

Atvart Erwin, além de ser um cómico irresistível, dá que fazer aos seus opositores quando joga o popular jogo da pelota de mão, e não é menos forte com as luvas de combate.

Os rapazes que frequentam o Hollywood Atlético Club teem que trabalhar a valer se não quiserem ouvir as reprimendas de Carl Johnson, que foi campeão amador de *box* e luta livre.

Outro bom *boxeur* é o conhecido George O'Brien. Antes de se inscrever no club, tinha sido campeão da marinha, e não sabia, cometeu o equívoco de querer dar-lhe lições, o que lhe valeu receber um *upercut* que o deixou sem sentidos por espaço de quarenta segundos. Geor-

ge teve que o levantar nos braços e levá-lo à duche, onde não tardou a voltar a si.

Entre os rapazes mais afamados do club contam-se Lew Ayres, Douglas Fairbanks, Edmond Lowe, Phillips Holmes, William Haines, Ben Lyon, Buddy Rogers e Paul Lukas, o qual muitas vezes dá instruções ao seu instrutor. Paul foi, como se sabe, campeão olímpico da luta livre. Vimo-lo pela última vez no filme «O Papá das Pernas Altas», ao lado de Janet Gaynor.

Nesta semana fazem anos :

De 23 a 28 de Abril

- Abril 23 — Duncan Renaldo (28).
- 24 — Marceline Day (24).
- 25 — George Hill, realizador (37).
- 26 — Dorothy Sebastian (27).
- 27 — George K. Arthur (33).
- 28 — Lionel Barrymore.
- 28 — Bryant Washburn.

“Colecção de Sempre”

Está em distribuição para os leitores do CINEMA, desde terça-feira passada, a obra intitulada

“O AMOR VENCE”

É um delicioso volume de 128 paginas, recheado de um texto pleno de interesse, semeado de situações profundamente emocionantes, por vezes dolorosas, cujo desfecho feliz é como um belo sol bonançoso após a mais violenta das tempestades.

“O AMOR VENCE”

é fornecido a todos os leitores do Porto, Lisboa, Provincia, Ilhas e Africa mediante a apresentação das senhas 10 a 13 e o pagamento das importancias abaixo designadas, nas casas que a seguir indicamos :

PORTO — Papeleria A. J. de Almeida — Praça Guilherme Gomes Fernandes, 60.

Papeleria da Moda, (Almeida & Filhos) — Rua de Santa Catarina, 280.

Tabacaria Central da Trindade — Travessa da Trindade, (no Edificio do Salão Jardim da Trindade).

LISBOA — Agencia Internacional de Livraria e Publicações, L.da — Rua do Crucifixo, 31-2.º.

Provincia, Ilhas e Africa... todas as agencias de venda de CINEMA.

IMPORTANCIAS A PAGAR

Porto e Lisboa: 1\$20. Provincia e Ilhas: 1\$50. Africa: 1\$90

Os leitores desta cidade estão naturalmente dispensados da apresentação de senhas, devendo por isso fazer-se acompanhar dos numeros 10 a 13 quando forem fazer a requisição.



Madison, Joan Blondell, Bete Davis e Evalyn Knapp; "Universal" — Genevieve Tobin, Mae Clarkê, June Clyde e Gloriwa Stuart; "United Artists" — Ina Claire e Mary Pickford; "Howard Hughes" — Jean Harlow; "Columbia" — Loretta Sayers.

As de cabelos escuros estão assim divididas: "Radio" — Dolores Del Rio, Rochelle Hudson, Irene Dunn, Lita Chevret, Jill Esmond, Arlene Judge, Edna Mae Oliver e Ruth Weston; "Fox" — Joan Bennett, Sally Eilers, Elissa Landi, Nora Lane e Helen Mack; "M-G-M" — Hedda Hopper, Norma Shearer, Ruth Selwyn, Dorothy Jordan e Myrna Loy; "Paramount" — Sylvia Sidney, Adrienne Ames, Eleanor Boardman, Frances Dee e Frances Moffett; "Warner-First" — Kay Francis, Bebe Daniels, Vivienne Osborne e Ruth Hall; "United Artists" — Barbara Week; "Howard Hughes" — Billie Dove e Ann Dvorak; "Columbia" — Constance Cummings; "Universal" — Arletta Duncan e Sidney Fox; "Hal Roach" — Zasu Pitts.

As de cabelos avermelhados estão distribuidas como segue: "Paramount" — Nancy Carroll; "Universal" — Tala Birell; "Fox" — Janet Gaynor e Peggy Shannon; "M-G-M" — Joan e Kathryn Crawford; "Columbia" — Barbara Stanwick.

Como se vê, os cinéfilos continuam a preferir as loiras...



As loiras continuam na vanguarda...

Um jornalista americano foi ha tempos inquirir da quantidade de actrizes loiras e morenas contratadas pelos principais estúdios de Hollywood, tendo chegado à conclusão de que, de 94 actrizes de relativa categoria que estão sob contrato, 51 são loiras, 36 morenas e 7 de cabelos avermelhados, como segue:



Cabelos avermelhados, escuros ou loiros?...

Francamente, não sei.

Entre a ruiva Janet Gaynor, a morena Dolores Del Rio e a loira Joan Marsh "mon cœur balance"

ESTUDIO	Cabelos loiros	Cabelos escuros	Cabelos avermelhados
Paramount.....	11	5	1
M-G-M.....	11	5	2
Warner-First.....	9	4	1
Radio.....	8	8	—
Unlversal.....	4	2	1
Fox.....	3	5	2
United Artists.....	2	2	—
Howard Hughes.....	1	2	—
Hal Roach.....	1	1	—
Columbia.....	1	2	—
	<hr/> 51	<hr/> 36	<hr/> 7

A «Paramount» e a «M-G-M» seguem à frente com a maior quantidade de loiras, 11 cada, enquanto que o «Radio» tem o maior número de morenas, 8.

As loiras estão assim distribuidas: "Paramount" — Carole Lombard, Florine McHinnay, Wynne Gibson, Claire Dodd, Sari Maritza, Tallulah Bankhead, Lilyan Tashman, Judith Wood, Marlene Dietrich e Juliette Compton; "M-G-M" — Anita Page, Una Merkel, Karen Morley, Marlon Davies, Greta Garbo, Virginia Bruce, Mary Carlisle, Madge Evans, Joan Marsh, Leila Hyams e Charlotte Greenwood; "Radio" — Ann Harding, Constance Bennett, Phyllis Clare, Julie Haydon, Kitti Kelly, Anita Louise, Dorothy Lee e Helen Twelvetrees; "Warner-First" — Ruth Chatterton, Marian Marsh, Loretta Young, Adrienne Dore, Mae





A única morena destes dois grupos é a nossa conhecida Marie Prevost, que aqui vemos à esquerda com Jean Harlow e Mae Clarke, da "Columbia". À direita, três dos mais lindos sorrisos da "M-G-M": Madge Evans, Joan Marsh e Anita Page.

O sonoro converteu os "cínicos"?

Quando se via no «écran» um bigode, um bigode raro e negro como azevi- che, dizia-se logo: «é o vilão!»...

Ninguém se enganava. De resto, o administrador do filme não consentiria no desaparecimento desta figura já enraizada... Um realizador, um dia, tentou pôr termo a este velho personagem: o seu vilão era um homem quasi simpático e o seu galã não passava de um menino... Foi um verdadeiro pânico!...

Quando se via aparecer o sinistro bigodinho e um homem de fato elegante, o público dividia-se assustado: «é o herói»...

— «Eu digo-te que é o traidor», — diziam outros.

Tudo se arranjou a pouco e pouco e tornámos às convenções primitivas. O vilão sentiu que o seu papel era apreciado: continuou a usar maneiras de «gentleman» para conquistar as raparigas com uma facilidade que desanimava as pessoas honestas. Durante anos, os cínicos encheram a tela de maldades imperdoáveis, acumulando infâmias, crimes, roubos, etc.

Veio o filme sonoro. A palavra matou o vilão, cortou os seus efeitos, oprimiu a sua mímica. Atribuía-se-lhe até então uma voz cavernosa e horrenda, — mas no dia em que ela se ouviu nos cinemas foi origem de risos. A pantomina, donde descende o cinema, impôs certos exageros para compensar o diálogo.

Onde está a fantasia, onde está a ilusão, agora que o cínico é um ser vivente depois de ter gozado por muito tempo o privilégio de ser apenas uma sombra?...

Eis-nos a apreciar a vida verdadeira, irriante e rude... Não procuremos mais o Vilão. O Vilão, na vida, somos todos nós... Temos uma razoável fisionomia, que até faz dizer aos nossos amigos: «drás longe... poderás ser ministro ou chefe de uma estação»...

As pistolas de longo cano dançam macabramente, a peçonha escorre aos litros e as surrateiras intensões surgem com a imaginação dos realizadores.

Eis, pois, o cínico metamorfoseado, convertido, reduzido a ser um homem como os outros, com uma voz calma, ponderada, agindo muito naturalmente e não tendo outro fim senão o de fazer com que a assistência simpatize consigo.

Onde está William Powell, que ainda ontem era o vilão mais antipático que se podia imaginar e se tornou num magnífico e generoso herói?... E Wallace Beery, tam rico em brutalidade como em humor e em sobriedade de gestos?... E Edmond Lowe, elegante canalha do «club 73»? Mitchell Lewis, — a mão que agarra de sinistra memória — também, tornou-se um homem quasi elegante...

Um cínico desaparecido do nosso convívio, Louis Wolheim, foi estupidamente verdadeiro no filme «A Oeste,

nada de novo». Eric von Stroheim, cujo nome só por si metia medo, só dizia palavras de brutalidade, de cinismo, enxugou uma lágrima e transformou-se num personagem mais real.

George Bancroft deixou de ser cínico e quasi que se converteu em personagem cavalheiresco.

Lew Cody, que simbolizara perfeitamente o vilão, tornou-se um cómico ligeiro, desprezencioso. O mesmo sucedeu a Noah Beery, Ernst Torrence e até a Adolph Menjou.

Em França, Gaston Modot, o bandido Je «Sob os telhados de Paris», tornou-se... o comissário de policia de «Em volta dum Inquérito»!...

Do outro lado do Reno, o vilão também se vai transformando, evoluindo com as novas técnicas do cinema sonoro. Werner Krauss e Conrad Veidt deixaram de ser personagens de contos de Hoffmann para se transformarem em actores mais sentimentais. E Klein-Rogge perdeu o seu vigor de «Mabux» e Jannings nunca mais voltou a fazer a experiencia do «Fausto».

Pelos nossos Cinemas

Em virtude de ter adoecido o nosso director, só no próximo número poderemos publicar as criticas aos filmes «Traição» e «O Tenente Sedutor».

Fisionomias

O «écran», aproximando dos nossos olhos o rosto humano, revelou-nos as leis do «sex-appeal» e deu-nos uma fome de caras novas...

Quando, algumas vezes na rua, um rosto nos salta ao coração, nós ficamos com pena de não podermos satisfazer a avidez dos nossos olhos. Esse rosto foge, ruboriza-se ou modifica-se... a sua expressão infiltra-se no interior, e sómente podemos apreciar uma máscara vazia, sem expressão sentimental.

E' o cinema quem nos restitui inteiras e perfeitas estas máscaras vazias que na rua nos tentam e mortificam. Aquil, elas eram incompletas e fugitivas. Tinham uma parcela de beleza devida a todas as expressões humanas, se bem que apagada por esforços parasitas, — e no cinema aparecem sem estas falhas aborrecidas. No «écran», até pronunciam palavras bonitas, as palavras por que sempre esperamos, realizam as acções para as quais nos parecemos criadas e apresentam-nos uma idade simpática e verdadeira. Apreciamos tudo: o macio da sua pele, a sua beleza, os movimentos dos temporais, a maneira como sofrem, o seu horror diante da morte. A sua vida maiúscula interessa-nos gravemente e esta proximidade na escuridão do cinema e a música difundida fazem nascer o desejo...

As fisionomias dos artistas do cinema são um «ex-libris» da sua vida sentimental e emotiva.

Greta Garbo, sangue sobre a neve, é um «bouquet» de narcisos, — o sorriso fechado da mulher impura —, doenças da alma e do corpo, e uma cauda de sereia que a impede de ser uma verdadeira mulher...

Esta fotografia de Lillian Harvey em «Dois Corações a Compasso» é uma das razões «porque se vai ao cinema e não se vai ao teatro»...



O fantasma que apareceu à mãe de Claudette Colbert

Crê em fantasmas? Acredita porventura na teoria da reencarnação, aquela teoria segundo a qual visitamos este mundo mais do que uma vez, trazendo connosco as faltas e virtudes dos que morreram há já muitos anos? Acredita na telepatia?

Se não acredita como explicar o caso do homem que apareceu à mãe de Claudette Colbert quando ela era ainda pequenina, envolto numa capa?...

E' indiscutível que todos os nossos grandes homens de ciência admitem a existência da telepatia mental. Mas em fantasmas, reencarnações, espiritismo, etc., quasi ninguém acredita. Sorrimos, negamos a existência dessas coisas, falamos de «nervos», de «ilusão optica», de «coincidência casual», etc., quando alguém nos fala delas. Eu nada percebo disto, mas sei que alguns casos são interessantíssimos e que merecem sêr narrados, já que não são facilmente explicáveis. Entre os mais interessantes ha, por exemplo, a história do fantasma que se apresentou um dia à mãe de Claudette Colbert, quando a progenitora da formosa «estrêla» da «Paramount» vivia em

Paris no último andar de um enorme prédio. O porteiro do edificio tinha a sua vivenda no rez do chão, junto à grade que dava entrada para a casa, e ninguém podia entrar ou sair sem que o senhor Jouly o seguisse com a vista.

Dois dias depois da chegada de sua prima Emily, que viera da Alsácia para viver com os Loews, Jeanne estava nervosissima, procurando evitar que a primita se enfadasse demasiadamente com ela. Jeanne sentia-se contente por o pai de Emily ter morrido. Nunca o havia visto, porque o bom homem havia sofrido de uma enfermidade grave durante muitos anos, que o impossibilitára de fazer uma viagem tam longa e tam penosa. Não o estimava portanto e se êle não tivesse morrido Emily não teria vindo viver com ela.

Jeanne escutava com muito interesse tudo o que sua mãe contava de seu tio, o falecido pai de sua prima. Compadecia-se quando ouvia dos lábios dela a narrativa das duras horas que o bom homem passára, mormente quando a mãe de Emily, sua esposa, morreu. Tanto a senhora Loew como Jeanne, haviam convidado Emily a passar uma temporada com elas, mas como o pai da pequena não se encontrava com saúde bastante para a levar, a tam desejada visita só depois da sua morte chegou a efectuar-se.

Emily veio portanto viver com a tia, que não só estava disposta a dar-lhe hospitalidade como esperava poder-la adoptar para que fôsse irmã de sua própria filha.

Jeanne estava louca de contentamento com a sua nova irmã, tam contente que não sentia a mais leve pena pela morte de seu tio, pois que se êle continuásse a viver não conheceria a priminha, que já amava como se de facto fôsse sua irmã.

Num dia do mês de Maio, quando Emily já estava sob a sua protecção havia várias semanas, Madame Loew disse às pequenas que queria ir fazer compras e advertiu-as de que não deviam abrir a porta durante a sua ausência, prometendo-lhes demorar apenas uma hora, e dar-lhes, quando chegásse, se elas obedecessem às suas ordens, uns doces muito saborosos.

Ao passar pela casa do porteiro preveniu-o de que as crianças ficavam sós e suplicou-lhe que não deixásse entrar ninguém.

— Bom dia, Jouly, — disse-lhe — vou ao mercado e deixo as pequenas sós. Não deixe subir ninguém. Mas, como penso voltar depressa, faça o favor de mandar esperar quem me procurar. Esforçar-me-ei por não demorar.

— Muito bem, — replicou Jouly.

E pôs-se à porta disposto a cumprir religiosamente o prometido.

Meia hora depois a mãe de Jeanne voltou e o porteiro advertiu-a de que

A falta de senhas

Temos recebido varias reclamações de leitores da Provincia queixando-se de que não encontraram senhas de brinde em alguns numeros que adquiriram.

Não duvidamos da veracidade de tais reclamações. A-pesar do cuidado que constantemente recomendamos e das verificações que fazemos às remessas destinadas à Provincia, é natural que alguns numeros passem pela malha sem senhas. E como não queremos de modo algum que haja leitores que se sintam lesados, adoptamos uma solução simples para estes casos, aliás pouco frequentes.

Os leitores a quem falte alguma senha, far-se-ão acompanhar do exemplar da revista a que a mesma pertença quando forem requisitar o livro à agencia onde costumam adquirir o CINEMA, ficando todos os agentes autorizados a entregar o volume mediante esta formalidade.

ninguém a havia procurado durante a sua ausência.

Satisfeita, Madame Loew subiu a escada levando um bom embrulho de caramelos.

— Emily! Jeanne! — exclamou quando já lhe faltava subir apenas três ou quatro degraus.

As duas pequenas apareceram correndo, mas Jeanne recusou-se a aceitar os caramelos.

— Estás doente, minha queridinha? — perguntou assustada a boa senhora.

Jeanne abanou a cabeça em sinal negativo e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Lillian Harvey — com o nariz a fazer píruetas na bôca, vemo-la rir até ao coração por trás dos seus olhos claros...

Gary Cooper — punhos para os homens, palavras de amor para as senhoras, um bom rapaz para todos nós...

Conrad Veidt — morte revelada por Caligari, que tenta misturar-se com a vida; elegância de esqueleto, 35 graus de temperatura, rosto frágil...

Marléne Dietrich — Eva, Colombina, Julieta — sempre indulgente e cruel, vampiro e irmã e deliciosamente, maravilhosamente irresponsável...

Florele, a operária de Paris, brutalizada por um pai alcoolico, levada aos quinze anos para um terreno deserto, o rosto cheio de pancada, de poeira e de lágrimas, — com a graça pueril e fanada das raparigas de Paris...

Mac Laglen, estranho e seguro de si... Não se podem vencer estes exemplares perigosos, mas sómente matar...

Stroheim — de que não podemos exaltar o «sex-appeal» como conviria para as suas admiradoras porque nos ralhavam em casa...

... E tantas outras fisionomias cneográficas, cheias de vida, de mocidade, de alegria...

— Disseste que nos darias doces se nos portassemos bem e se não deixássemos entrar ninguém durante a tua ausencia, — confessou com voz compungida —, e eu esqueci-me e abri a porta. Um senhor muito bondoso chamou e eu procurei um pretexto para obrigar Emily a afastar-se para a cozinha antes de o deixar entrar.

— E' impossível, — exclamou a senhora Loew, muito surpreendida —. Estando a única porta de entrada guardada pelo senhor Jouly, que não se moveu do seu lugar, como se pôde admitir que alguém tivesse subido sem que êle o visse entrar nem sair?

— Pois é verdade, — redarguiu a pequena —, e conhecia a Emily.

— O homem conhecia a Emily? — perguntou assombrada a senhora Loew —. E que aspecto tinha êle?

— Era muito franzino e alto, — explicou Jeanne subindo a uma cadeira para descrever melhor o personagem, — e os seus ombros, mamã, os seus ombros estavam curvados como se estivesse doente. As mãos eram muito brancas e delgadas. E o casaco que usava era muito exquisito, tinha uma capinha pequena nos ombros.

Madame Loew pôs-se a tremer. Sua filha havia descrito a figura exacta de seu falecido irmão, do pai de Emily.

— E os olhos de que côr eram? — perguntou quando pôde serenar um pouco.

— Azulados. Recordo perfeitamente que eram azulados.

— Madame Loew compreendeu que sua filha não podia inventar.

— E que te disse, — minha filha? — inquiriu com voz desfalecida.

— Disse-me: «Tens uma irmãzinha, agora, não é verdade, Jeanne? Chama-se Emily, não é? E estás contente por a teres para sempre na tua companhia?» Eu disse-lhe que sim e êle fez-me prometer que a teríamos conosco e que a trataríamos bem.

Logo que a pequena acabou de fa-

lar, Madame Loew correu ao aposento contiguo para voltar momentos depois com um pacote de fotografias, que entregou a filha.

— Vê estas fotografias, — disse — enquanto penteio a Emily.

E deixou Jeanne na sala para ver se ela reconhecia em alguma daquelas «fotos» o misterioso visitante.

Assim sucedeu, de facto. Momentos depois, Jeanne apareceu com uma fotografia na mão, dizendo que era o retrato do visitante.

— Cá está, mamã, cá está. Reco-

Gratidão Fraternal

Ha anos, Victor McLaglen, no apogeu da sua fama, protegeu e recomendou eficazmente nos estúdios seu irmão Leopoldo, que não lograva abrir caminho na Austrália nem na Inglaterra. Foram confiados a Leopoldo alguns pequenos papeis, e assim ganhou alguns dolares, que por certo não achou suficientes porque deixou de trabalhar. Decorreu tempo e Victor, cansado dos «tiros» de seu irmão, negou-se a facilitar-lhe qualquer importância



Maurice Chevalier em "O Tenente Sedutor", a grande produção de Lubitsch inspirada na opereta "Sonho de Valsa", o maior sucesso desta temporada, que vem esgotando todas as noites a lotação do "Trindade"

Claire Windsor processada

A senhora Marlon Y. Read, de Cakland, acaba de processar a actriz americana Claire Windsor, alegando alienação do afecto de seu marido, o negociante Alfred C. Read, negociante em S. Francisco. A importância do processo é de 100.000 dollares.

nhece-lo-ia em qualquer parte. E' o homem que veio durante a tua ausencia.

E a fotografia era, realmente, a do pai de Emily.

As duas pequenas não se separaram nunca. Quando Jeanne se casou com George Chauchoin, o pai de Claudette Colbert, a-pesar do soldo deste não sêr muito grande, levou Emily para a América na sua companhia. E hoje Emily tem uma formosissima habitação no bellissimo andar que os Colbert ocupam em New York.

mais, por pequena que fosse, desde que não trabalhasse.

Tudo parecia definitivamente terminado entre os dois irmãos. Mas não sucedeu assim. Ha dias, Victor foi surpreendido por uma demanda judicial na qual seu irmão Leopoldo reclama dele 90.000 dolares, baseando a sua reclamação na ruina moral e material em que êle o havia lançado.

Victor ficou tam enojado com o gesto de seu irmão, que não deu até hoje nem um passo para se defender.

Howard Hughes e as novas ideias sobre a realização

O «set» em forma de cortiço de abelhas é a última inovação introduzida por Howard Hughes na cinematografia. Deixando de lado todo o precedente no seu afã de chegar a um ponto determinado pelo caminho mais curto, este jovem produtor, ao realizar «O az do ar», cujos protagonistas são Chester Morris e Billie Dove, cria e destrói ao mesmo tempo: — constrói o «set» em forma de cortiço e destrói o antigo sistema de construção de «set».

O processo actualmente aceite por todos ao construir o «décor» para uma película consiste em construir um recinto de três paredes, sem teto, para deixar livre um lado para a câmara. Cada «set» constrói-se individualmente e fisicamente não tem relação alguma com o «set» vizinho. Por conseguinte, quando uma actriz vai da sua habitação para o quarto vizinho no ecran, não há razão alguma para que este último seja por vezes construído num cenário de uma secção diferente do estúdio. A única dificuldade consiste em evitar os anacronismos dos vestidos e possivelmente também da iluminação.

Raramente os cenários que no filme apresentam estar seguidos são construídos desta forma. As cenas que parecem enlaçadas entre si são por vezes impressionadas em dias diferentes, e até com semanas de intervalo.

Mas este sistema, que esteve tam em voga, vai a cair em desuso, pois o «set» em forma de cortiço de abelhas evita os anacronismos. Em «O az do ar» ha umas cenas que se passam ao ar livre e outras no quinto andar dum hotel parisiense. Há também outras, mais breves, que têm lugar na rua, em frente à porta do hotel, filmadas do vestíbulo. Hughes mandou construir os cenários em uma só peça, de modo que a câmara podesse passar de cena em cena.

Construiu-se um largo corredor de hotel do qual partiram as habitações auxiliares. Estas eram duas salas, um quarto de dormir, um «bar» e um «grill-room», um pórtico e duas ou três habitações de utilidade indefinida. Ao final do corredor podia-se ver a rua através das portas de cristais.

Deste modo, o operador podia começar a filmar num extremo do vestíbulo enquanto o protagonista do filme andava em frente da câmara. Quando o artista entrava num qualquer quarto caía sob a acção de uma outra câmara, que im-

pressionava os seus movimentos do outro lado. Terminada esta pequena cena, o personagem sai do quarto em que entrou, caminha pelo vestíbulo e chega à rua, onde os seus movimentos são impressionados.

A dupla vantagem deste sistema faz-se de novo sentir quando um personagem da película que se supõe estar no andar principal do hotel ha-de aparecer seguidamente no quinto andar. Caminha ao longo do corredor e, num momento, a arquitectura muda por completo e o personagem em questão aparece a caminhar no quinto andar.

Este truque permite efectuar a mudança sem ter que cortar realmente o filme. O estilo dos cenários ou a aparência física mudam ligeiramente e o actor é transportado num segundo para o quinto andar. Pelo sistema ordinário teria que haver uma fusão e mudar a cena, mas agora isto já não é necessário.

Chester Morris mostrou-se tam satis-

feto com esta inovação que disse que chegaria um dia em que as películas, em toda a extensão dos seus oito rolos como termo médio, seriam impressionadas em três ou quatro tomadas de vistas. Isto significaria a terminação de um filme em muitíssimo menos tempo que agora, em que se empregam cinco ou seis semanas com uma produção.

As tomadas de vista demoradas teem, de todos os modos, um precedente na cinematografia. Mary Pickford impressionou centenas de metros para tomar uma só série de cenas em «Coquette» e no filme primitivamente intitulado «Scarface».

Marie Prevost... gordinha e simpática

Marie Prevost pôde ter perdido a figura de silfide que tinha em traje de banho quando nos deleitava com a sua graça nas comédias de Mack Sennett. Mas, talvez por se terem arredondado mais as suas formas, o seu feitio humorístico assenta-lhe hoje muito melhor, porque o bom humor é universalmente considerado como património dos gordos.

Não queremos com isto dizer que Marie está excessivamente gorda. Pelo contrário. Parece mais atraente do que nunca, e favorecem-na, mesmo, as novas idéas sobre a beleza, que hoje tendem para um pouco mais de

carne... e um pouco menos de osso. Imaginem vocês que as «flappers» modernas tomam óleo de fígado de bacalhau para revestirem um pouco mais as pertuberâncias ósseas do estilo decadente.

Mas deixemos a plástica de Marie. Dizíamos nós que não perdeu em humorismo. De facto, segundo informações recebidas, «Abismos de Paixão», seu último filme, é, por assim dizer, a melhor das suas produções e aquela em que mais se afirma o seu invulgar talento cómico.



«Tadinho do Garatzinho», diz Lillian Harvey ao simpático actor francês, numa cena de «Dois Corações a Compasso», filme-opereta da «Ufa», cantado e falado em francês

Jean Harlow e os perfumes

Jean Harlow, a famosa loira, diz que o perfume é a mais sincera expressão da personalidade, podendo manifestar-se todos os estados íntimos da alma com a eloquente subtilidade de diferentes aromas.

Miss Harlow adora os perfumes. É a única extravagância que se permite, e com um afincão igual ao daqueles que recolhem objectos de arte de todos os recantos do globo, colecciona essências raras, que ela própria combina até obter a mistura subtil que mais se adapte de momento ao seu estado de espírito.

O perfume que Jean escolheu para usar durante a filmagem de «Abismos de Paixão» foi «Shalimar», criação do famoso artista parisiense Guerlain. Segun-

do ela, esta essência exprime o seu sentir. Como é um pouco forte, usou-a discretamente; não obstante, o suave aroma que se espalhava pelos estúdios «Columbia», insinuava-se no espírito dos presentes, denunciando subtilmente a atraente personalidade da encantadora «vedeta».

C
I
N
E
M
A
12



ESTHER RALSTON, a deliciosa loirinha que não vemos há já muito tempo, e por quem muitos cinéfilos estão suspirando

Dentro e Fóra dos Estudios

Lew Ayres acaba de ser nomeado membro da Navajo Indian Nation, pelos chefes daquela tribo de peles-vermelhas. Apenas Richard Dix, entre os artistas de cinema, possui tal honraria.

Logo que termine a serie de filmes que tem de fazer para a «Universal», Tom Mix pensa fazer uma serie de filmes curtos e educativos, demonstrando os vários usos dos acessórios dos *cow-boys*.

A próxima fita de Lubitsch

Como anunciamos, Ernst Lubitsch renovou o seu contrato com a «Paramount», motivo porque já regressou a Hollywood. A sua nova fita será «Passionate Strangers», tirada da novela «His Majesty's Car. Segundo desejos manifestados por Lubitsch, a primeira actriz daquela película será Miriam Hopkins, que em «O Tenente Sedutor» interpreta o papel de Princesa Ana.

«Atlantida», a recente produção de Pabst, será estreada ao mesmo tempo, em Berlim e em Paris, nos primeiros dias de maio.

Charles Rogers e a sua orquestra teem estado em Nova-York, tocando no Pennsylvania Hotel.

Marion Nixon vai interpretar para a «Fox» a película «Rebeca of Sunnybrook Farm», que estava destinada para Janet Gaynor.

A «Princesa Encantadora» em Nova-York

No dia 13 de Abril corrente estreou-se em Nova-York «A Princesa Encantadora», com o título «Ronny», no Little Carnegie Playhouse». A versão apresentada é a alemã, com Kate de Nagy e Willy Fritsch.

A actriz hungara Lucy Doraine foi contratada pela «RKO», devendo interpretar um dos papeis de «Westward Passage», com Ann Harding com primeira actriz.

As grandes casas americanas já fixaram a produção

Para 1932/33

As principais casas americanas já fixaram a sua produção na próxima temporada. Segundo as suas declarações, as 9 principais firmas produzirão 390 grandes filmes, assim distribuídos:

Warner-First.....	62
Paramount.....	60
Radio.....	60
M-G-M.....	50
Fox.....	48
Columbia.....	42
Tiffany.....	30
Universal.....	26
United Artists.....	12
	<hr/>
	390

Tem estado em Londres o realizador Frank Borzage, que foi a Inglaterra propositadamente para ver a peça teatral «Cavalcade», que ele vai filmar para a «Fox».

Um grupo de amigos do falecido actor Louis Wolheim pensa erigir-lhe uma estátua em Bronx, New-York.

Wynne Gibson, que vimos ha pouco em «Ruas da Cidade», terá o primeiro papel feminino na nova fita de George Bancroft, «The Challenger».

A «Fox» está preparando a fita «First Year» («Primeiro Ano») para ser interpretada por Janet Gaynor e Charles Farrell. A produção começará este mês de Abril, com William K. Howard como realizador.

Sari Maritza, a actriz europeia recém-contratada pela «Paramount», vai interpretar a primeira figura feminina de «Cloudy, with Showers», com Roland Young.

Constance Cummings muito ocupada

Quando uma casa produtora tem uma estrêla contratada por muito tempo, o contrato dá-lhe direito a emprestá-la ou alugá-la a outra empresa, quasi sempre por um salário maior do que o que figura no contrato. Constance Cummings, a jovem estrêla da «Columbia», foi emprestada a Harold Lloyd para interpretar a primeira actriz da sua nova fita, depois do que voltou à «Columbia», para fazer «Criminal Court» («Tribunal Criminal»), com Edmund Lowe.

Efemérides da semana

De 23 a 29 de Abril

- Abril 23 (1919) — Estreia-se no «Central», de Lisboa, a fita «A Senhora Arlequim», com Maria Jacobini e Alberto Collo.
- 24 (1908) — Nasce em Colorado Springs, California, a actriz Marciline Day.
- 25 (1908) — Nasce em Frankfort-a-Main a actriz Camilla Horn.
- 26 (1919) — No «Jardim Passos Manuel», do Porto, estreia-se a fita «Charlot Patinador», com Charlie Chaplin.
- 28 (1921) — Chega a Paris em avião, vinda de Criclewood (Londres), a actriz americana Pearl White.
- 29 (1921) — Estreia se no «Condes», de Lisboa, a fita «Castigo de Ambição», com Pauline Frederick.

Phillips Holmes, o lindo rapaz

(Continuação da página 4)

partida e de fugir de Hollywood. Mas não pertencia ao número dos que aceitam a derrota. Lutou corajosamente até o dia em que lhe ofereceram o papel de *Sherlock Holmes* em Nova-York. Ali, pelo menos, ninguém sabia «que se não podia contar com aquele rapaz». E, entretanto, Hollywood esqueceu as suas loucuras.

Quando para ali voltou, já não era o mesmo homem: tinha-lhe aproveitado a lição. Deram-lhe o papel principal em *Davi's Holiday*, e a sua interpretação reconquistou-lhe a confiança dos directores, os quais compreenderam que, naquele mancebo de débil aparência, havia o estofado dum grande actor. *An American Tragedy* confirmou as esperanças que punham nele o *Son Homme* valeu-lhe um lugar que nunca mais perderá.

«Paramount» considera-o hoje como um dos seus melhores artistas e julgo que os seus admiradores se preparam para ratificar o veredito.»

“Tabu”

(Continuação da página 2)

muralhas líquidas se dispusessem a conduzi-lo até ao fim, poderia ser que...

Mas, cem metros adiante, havia correntes. Para as vencer, para as atravessar, seria preciso o Matahi fresco e valente doutro tempo, o verdadeiro Matahi! Não aquele que o mar açoitava a cada momento, o fantasma do incomparável atleta que todas as ilhas tinham admirado.

O polinésio não tardou a reparar em que se ia afastando da praia em vez de se aproximar dela. Os seus membros anquilosados e rígidos não podiam vencer a violência das ondulações marinhas. Era já arrastado como um fardo, como um melo-cadáver por essa onda que tantas vezes tinha dominado!

Matahi olhou ao longe, aproveitando-se da crista duma enorme vaga, e, no imenso horizonte enfurecido, viu apenas como um ponto branco o barco em que Reri chorava.

Então, cansado de lutar, sentindo que lhe pesava nos ombros a maldição dos deuses, aceitando a punição, a vingança

do Tabu, tendo além disso a certeza de que, mesmo nesse caso de problemática salvação, nunca mais voltariam à sua alma a paz e a alegria, Matahi deixou-se ir ao fundo.

As ondas fecharam-se sobre êle com meiguice; passou-lhe uma vaga pela

fronte pálida como uma derradeira carícia. Depois, o mar mostrou-se calmo, unido e misterioso. Como se estivesse inocente!

E foi esse o fim de Matahi!

FIM

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EM PLENO SUCESSO

O Lobo da California

Um filme no genero de «O Sinal do Zorro», com KEN MAYNARD,
o mais directo rival de Douglas Fairbanks

A Revista das Revistas

Sumptuosa feerie, com os principais artistas da «Warner
Brothers» e «First National»

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 14

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA,”

Desconto de 40 % no “Trindade” e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE—Matinées de Quinta-feira e Sábado, 28 e 30 de Abril
OLYMPIA—Matinées de Quinta-feira e Sábado, 28 e 30 de Abril
BATALHA—Matinée de Quinta-feira, 28 de Abril
CINE-ODEON—Soirée de Sábado, 30 de Abril

IMPORTANTE.—As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

**a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.**

apresenta as três maiores atrações da temporada:

AS LUZES DA CIDADE

com CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)



OS ANJOS DO INFERNO

com JEAN HARLOW e BEN LYON



A MULHER DUMA NOITE

com FRANCESCA BERTINI